

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal — ALEXANDRE VIEIRA



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.194

Quarta feira, 18 de Outubro de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Talhara-Lisboa. Telefones 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

## LUTAS ÉPICAS

### OS HEROIS DE ALJUSTREL

Recebei em vossa casa, camaradas, os filhos dos mineiros em greve! E' demasiado, já, o sacrifício dos adultos, evite-se o sofrimento dos pequeninos!

Esse trabalho de toupeiras, executado por homens que amam o ar puro; esse trabalho de forças, forçados do salário feito em posições difíceis, que quebram o corpo, que torturam a alma; esse trabalho que na treva profunda das minas de Aljustrel pesa, como uma cruz de maldição, sobre o dorso cansado de proletários rudes — é pago por uma companhia rica, florescente, que no último ano arrancou lucros fartos da terra e à pele dos seus escravos, a 3500 diários e excepcionalmente a 5000!

Enquanto o sol bafeja de luz a terra fecunda e leva aos espíritos o encanto do seu calor, homens há que abdicam do direito que assiste a todos os seres humanos — o direito de viver à luz do dia — para mergulhar em vida nesse túmulo profundo, obscuro, infernal e nas entranhas da terra perdem a alegria e a saúde, alimentando com seu sacrifício, que nada paga, os acionistas longínquos, ricos, que ignorando a dor que o seu bem-estar produz, vivem cortamente à grande, alegremente, rodeados de confortos invejáveis a que a sua ociosidade não tem direito.

Tanto sacrifício desse rebanho de homens que arrancam à terra o precioso cobre, para quê? Para o fim dum quinzena de trabalho não lhes darem paga que baste para comprar o pão negro reclamado ávidamente pelos filhos ralquitos e semi-nus!

Desprezam esses heróis obscuros todos os confortos; bem de frente encaram o perigo ameaçador do não voltar a ver a luz, de car para sempre sotterrados no bow da terra — para ao cabo de vinte dias de trabalho verificarem que a sua labuta negra não negou para fazer entrar no lar miserável a alegria dumha boa ceia. Fartos de sofrer, de ser vexados com um salário insuficiente, quanto seus senhores, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se! Revoltaram-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres filhos, inocentes que não tem culpa das imperfeições da sociedade.

Quem haverá aí, proletário ou burguês, que negue a esses escravos o direito de exigir de seus senhores o suficiente para viver?

Em que recanto da terra será possível encontrar um coração tan duro, tan cruel, uma sensibilidade tan embotada que não reconheça a esses homens o direito à existência? Quem teria coragem de condenar à morte lenta um punhado de crianças, filhos desses párias a quem é negado o pão?

Parecer-vos-há impossível, leitores, a existência dum tal injustiça no nosso século. Pois ela existe, infelizmente. Há, sim, uma companhia que há perto de três semanas, numa recusa brutal, fez, homicida, pretende aniquilar existências débeis de crianças, vindas preciosas de trabalhadores.

Há perto de três semanas que o director das minas de Aljustrel nega aos seus mineiros um aumento irrisório que não enriqueceria esses desgraçados com bastante direito à alegria e ao repouso. Pretendo que os esfaimados continuem com fome, que as crianças se estiolem em tenra idade, em flor que desabrocha para a vida.

Mas desta vez os escravos, num gesto nobre que os dignifica, que os eleva moralmente, estão dispostos a morrer de fome lutando, visto que de fome morriam trabalhando. Numa luta desesperada jogam o resto das suas forças, a pouca saúde dos filhos para alcançarem o direito sagrado de viver.

Por uma greve que tomou já proporções épicas, formidandas de sacrifício, de heroísmo e abnegação, os mineiros de Aljustrel conseguiram obter um aumento de 10% sobre o seu salário, sem o inímo esforço, em o menor sacrifício, se sentem mergulhados na

mais sedutoras delícias de viver, os mineiros de Aljustrel revoltam-se com altivez, reclamando que seu trabalho rude, pesado e esgotante fosse compensado com quantia que chegassem, pelo menos, para matar a fome a seus pobres

# AS GREVES

Marítimos de Longo Curso

NOTA OFICIOSA

Camaradas: Acalando as resoluções tomadas na sessão magna de ante-ontem, 16, oficiais aos armadores para que nos marcassem a hora para com elas nos entrevistarmos a fim de mais uma vez lhes fazermos sentir que nós, apesar de rudes homens do mar, ainda possuímos alguns conhecimentos de civilização e até a educação precisa para tratar com aqueles senhores, a forma mais viável de que o nosso conflito seja resolvido airosoamente e sem desonra para ambas as partes.

Não recebemos durante o dia até a hora de elaborar esta nota, qualquer documento dimanado dos srs. armadores que ao menos acusasse a recepção do ofício que nós lhes enviamos.

Para mais uma vez fazermos sentir que não sómos inocentes como os armadores nos tem apelidado, aguardamos que aqueles senhores acusem hoje a recepção do ofício enviado.

Se o silêncio continuar, então diremos da razão que nos assiste.

A tripulação do *San Miguel* abandonou ontem o navio, visto ter dado o resto da carga.

Estes camaradas são dignos de elogio pela sua franca solidariedade.

Vivam as classes marítimas de Longo Curso!

A Comissão de Melhoramentos.

Operários da fábrica de cerveja Portugália

O pessoal de enchimento da fábrica de cerveja Portugália, em número de 25 homens e 60 mulheres, abandonou ontem o trabalho ao meio dia em virtude de não serem atendidas as suas reclamações.

Aqueles trabalhadores, que auferem salários de 2500, homens, e 1800, mulheres, reclamam agora os salários de 5000 para homens, e 3800 a 4500 para mulheres; nas 8 horas de trabalho, declararam a greve até que sejam atendidas.

A assemblea, ponderou o facto de os industriais poderem aumentar os seus salários, sem recorrerem ao aumento do preço do calçado, poio que o fizeram sem motivo justificado.

O Núcleo apela para todos os fabricantes de calçado do país, para que não venham trair a sua causa, pois ela representa o seu pão e o de suas famílias.

A sessão terminou aos vivas à Federação de Calçado, Couros e Peles, à C. G. T. e à *Batalha*.

EM ALJUSTREL

Os mineiros mantêm-se entusiasmaticamente

ALJUSTREL, 15. — Encontra-se nesta localidade o camaráda Jerônimo de Sousa, delegado da C. G. T. que veio aqui a pedido do Sindicato Mineiro e Metalúrgico, em greve.

Aquele camarada juntamente com um comissão dos operários em greve avistou-se com o sub-diretor das minas, sr. Geral.

Mais uma vez viram manifestada a teimosia dumha companhia que lá longe no estrangeiro esquece a miseria dos trabalhadores que tam grandes lucros lhe tem.

Realizou-se à noite uma sessão magna, em que Jerônimo de Sousa ouviu da palavra, recordando a primeira vez que veio aqui. Nessa ocasião procurava a solidariedade dos operários mineiros para com os restantes do país, hoje traz a solidariedade da C. G. T. Falou ainda o camarada Alves.

Por fim foi aprovada por unanimidade, no meio do maior entusiasmo uma moção mantendo a greve até serem satisfeitas as reclamações.

Terminou a sessão entre inúmeras vivas.

conhecer-se — e entender-se, porque os seus interesses são comuns.

**«A Batalha» precisa ser um bom jornal de propaganda, informação e critica**

— E *A Batalha*, camarada? — interroga ansioso.

Ele adinhou no meu rosto, no tom da minha voz e nas poucas palavras da minha pregunta, toda a série de interrogações que a respeito da *Batalha*, duma só vez, pretendia fazer.

— *A Batalha*? É urgente a sua remoção. Temos que transformá-la num bom jornal de propaganda, de informação e de critica severa aos casos do dia. A C. G. T. vai assegurar-lhe a existência, pô-la em estado de poder progridir e bem satisfazer as principais necessidades dum jornal moderno.

Oxalá se cumpram os fados.

**A lenda do enfeudamento da organização aos anarquistas**

— Já me disseram, o Arranha, que há quem diga que se pretende enfeudar a organização aos anarquistas.

— Ora, ora... A organização ripostou-me — tem a sua orientação sindicalista revolucionária, cuja finalidade é o comunismo livre, o anarquismo.

— Não será, portanto, natural que receba a boa luz do fachão anarquista em vez da dos partidos políticos autoritários?

— O diabo — objectei — você está falso assim? Tome cuidado com os camaradas que querem a revolução para amanhã.

Esta minha frase, lançada como isco a peixe fino, logrou resultado.

— A revolução social — apressou-se a responder-me — não vem infelizmente quando a gente quer. Ela está tanto mais próximo quanto maior for a consciência revolucionária das massas.

— E após uma pausa:

— Temos falso muito, mas vagamente, de revolução social e não se tem pensado a sério em organizá-la, de forma a mantê-la e a evitar que ela caia nas mãos dos despotas de qualquer cor. A revolução — que urge organizar com segurança e acerto — deve ser feita pela classe trabalhadora em benefício da mesma e não, como alguns pretendem, para contentar qualquer facção política.

**Projectos? Nenhuns por enquanto. O Congresso deixou muito trabalho a executar**

— E fuihamos passado, nesta conversa que pálidamente reproduzo, o melhor de duas longas horas.

Parciai estar ouvir falando o próprio Congresso. Foi este critério que, mal

Tribunal de Defesa Social

Terminou anteontem o julgamento de Eugénio Ribeiro e Polcarpo Simões acusados de no último movimento pró-tudo único de pão, terem feito explodir uma bomba na rua Maria Pia. No decorrer do julgamento salientaram-se, como sempre, os dois vogais deste tribunal que satisfizeram os seus instintos condenando os reus apesar das provas não serem concluientes.

A defesa esteve a cargo do dr. Campos Lima, o qual demonstrou com a sua brilhante defesa a inocência dos seus constituintes.

Mais uma vez se mostrou o quanto é ignobil e vergonhoso este tribunal!

— Temos falso muito, mas vagamente, de revolução social e não se tem pensado a sério em organizá-la, de forma a mantê-la e a evitar que ela caia nas mãos dos despotas de qualquer cor. A revolução — que urge organizar com segurança e acerto — deve ser feita pela classe trabalhadora em benefício da mesma e não, como alguns pretendem, para contentar qualquer facção política.

**Projectos? Nenhuns por enquanto. O Congresso deixou muito trabalho a executar**

— E fuihamos passado, nesta conversa que pálidamente reproduzo, o melhor de duas longas horas.

Parciai estar ouvir falando o próprio Congresso. Foi este critério que, mal

# SINDICATO DO PESSOAL

## IMPRENSA NACIONAL

### Aclaração

Assinadas por José Maria Gonçalves e António Antunes da Conceição Agostinho, publicou a *Batalha* de ontem uma série de considerações que, pretendendo-se com a Aclaração emanada da direção deste Sindicato e publicada em *A Batalha* de domingo último, não podem passar sem os devidos reparos, pela falácia de fundamento que encerra.

Declararam os sinátários que a mensagem é assinada pela maior parte do pessoal.

Assim confirmam que uma parte a não assinou, tal como foi dito pelo Sindicato.

Acrescentam que de entre as assinaturas muitas são de operários sindicados.

Poio mesmo por essa razão a Direção do Sindicato reconheceu a necessidade de se pronunciar, por meio de uma aclaração, para lhes mostrar que o facto encerra incorrencia, tanto maior é certo ele não estar em conformidade com os antecedentes dos homenagemados.

Não é ainda a greve de «bracos calados», que se manifesta, mas só é a minúcia e contudo a produção tem diminuído sensivelmente.

É um erro crasso julgar que os ferroviários aceitaram de cabeça enraizada as injustiças flagrantes que lhes pretem dim impor.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Joaquim Ramos, como um dos que com ele conferenciou, salienta o procedimento daqueles que se recusaram a conferenciar com o director, porque existindo uma comissão de melhoramentos não faria isso sentido, só o tendo feito por ordem de serviço.

A comissão de melhoramentos continua em sessão permanente, devendo realizar mais demarches.

**Aparelhadores e encarregados das obras do Estado**

Miguel Correia, embora amigo pessoal de Plínio Silva, no campo social só inimigos irreconciliáveis.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Joaquim Ramos, como um dos que com ele conferenciou, salienta o procedimento daqueles que se recusaram a conferenciar com o director, porque existindo uma comissão de melhoramentos não faria isso sentido, só o tendo feito por ordem de serviço;

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Melhoramentos, provou pela cópia das referidas fólias a razão das suas afirmações feitas na reunião anterior, devendo o pessoal esperar mais um pouco até que a Companhia ponha oficialmente em prática o que já apresentou ao Ministério.

Julgou sua exa., o sr. Plínio Silva, que com a sua vinda ao Barreiro inutilizaria a ação dos dirigentes da classe.

Após outras considerações envia para a mesa uma moção para que sejam ouvidos os operários das oficinas que conferenciaram com o director dos C. de Ferro do Sul e Sueste.

Luís Monteiro, num discurso vibrante, diz que o que se está praticando, dentro dos Caminhos de Ferro do Sul e Sueste, é obra dos despotas da greve.

Este indignado, dispõe-se a revindicular por qualquer forma os seus justos pedidos, vistos que o infino jornal não corresponde às necessidades da vida actual.

A Comissão de Mel



## LANIFICIOS

Vendem fazendas directamente ao consumidor

## MOSA &amp; ROMÃO

COVILHÃ

Enviam-se amostras

## GRANDE ECONOMIA

EPOCA AGRICOLA DE 1922

## Seguros de Incêndio de Searas

A MUNDIAL, devido a um acordo com um poderoso grupo de companhias estrangeiras COBRA MENOS de METADE DOS PREMIOS até aqui estabelecidos nos seguros de cereais e plantas, ALEM DISSO, "A MUNDIAL" NADA COBRA a título de ENCARGOS ou CONTRIBUIÇÕES pois que estas são por ela integralmente pagas.



## A MUNDIAL

COMPANHIA DE SEGUROS

Capital inteiramente realizado 500.000\$00

RESERVAS: 749.051\$60,9

SEDE EM LISBOA DELEGAÇÃO NO PORTO

Rua Garrett, 95—Tel. 4034 R. Sá da Bandeira, 331, 1.º

## Chapelaria A SOCIAL

## Cooperativa dos Operários Chapeleiros

Grande sortimento em chapéus, lisos e mescas em cores lindíssimas, formatos dos mais famosos fabricantes estrangeiros

## GRANDE NOVIDADE

Chapeu mole, novo modelo americano, muito elegante, só na Cooperativa A SOCIAL

Armazém e escritório: Rua Fernandes da Fonseca, 25, 1.º

## ESTABELECIMENTOS

Sede: — 31, Rua Fernandes da Fonseca, 33  
1.º Sucursal: — Rue dos Poais de S. Bento, 74, 74-A  
2.º Sucursal: — Rua do Corpo Santo, 29  
3.º Sucursal: — Rua do Arco Marquês de Alegrete, 56, 58

## Fábrica de bonets

Chapeu modelo Jauré (Exclusivo)

ESPECIALIDADE  
EM CHAPEUS  
DE SEDA  
E  
FLAMÃO

Queréis o vosso  
relógio  
concedido com garantia e por  
preço módico?

Levai-o ao

33 de S.º André  
actualmente  
Largo Rodrigues de Freitas, 33  
(em frente do chafariz)  
OFICINA DE RELOJOEIRO  
E OURIVES  
DE  
ALVES D'ANDRADE, L. da

LEIAM

## PROPRIAÇÃO CONSCIENTE

(Páginas de práticas neo-malutusianas)

- Descrição dos órgãos genitais.
- Valor exacto dos meios a empregar.
- Injeções.
- Preservativos, etc.

Preço, \$25 — Pelo correio, \$30

USEM

## OVULOS

anti-germinativos

Caixa, com uma dúzia... 2500

Pelo correio..... 2515

Calçado barato  
vende  
o CANDEIAS

(INTENDENTE de-  
fronte do chafariz)

Sapatos em calçado para senhora 14\$50

● preto de 1.º 26\$00

● vitleda, salto razo 23\$00

● verniz, salto sola 30\$00

Botas em vitleda preta para

senhora... 28\$00

Botas em vitleda nacional para

homem... 29\$00

Botas em calçado preto, 2 so-

las, 1.º 35\$00

Botas em double gásia, para

homem... 38\$00

Botas em vitleda branca, for-

radas de carneira... 24\$00

Visita as nossas novas sec-

ções de fanqueiro, retrozeiro,

modas, camisaria e rouparia,

que vendemos a preços ex-

traordinariamente baratos.

Ao Candeias! Ao Candeias!

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00

Geometria plana e no espaço... 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade co-

mercial... 9.60

Escrituração associativa... 4.00

Manual prático de correspon-

dência comercial... 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00

Geometria plana e no espaço... 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade co-

mercial... 9.60

Escrituração associativa... 4.00

Manual prático de correspon-

dência comercial... 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00

Geometria plana e no espaço... 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade co-

mercial... 9.60

Escrituração associativa... 4.00

Manual prático de correspon-

dência comercial... 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00

Geometria plana e no espaço... 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade co-

mercial... 9.60

Escrituração associativa... 4.00

Manual prático de correspon-

dência comercial... 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00

Geometria plana e no espaço... 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade co-

mercial... 9.60

Escrituração associativa... 4.00

Manual prático de correspon-

dência comercial... 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00

Geometria plana e no espaço... 4.80

ESCRITURAÇÃO COMERCIAL

Escrituração comercial-industrial 4.80

Escrituração e contabilidade co-

mercial... 9.60

Escrituração associativa... 4.00

Manual prático de correspon-

dência comercial... 7.20

CONSTRUÇÃO CIVIL

Acabamentos de construções... 6.00

Alvenaria e cantaria... 5.40

Edificações... 5.40

Encanamentos e salubridade das

habitações... 5.40

Materiais de construção... 7.20

Terraplanagem e alerceiras... 4.80

Trabalhos de carpintaria civil... 6.00

● serralharia civil... 6.00